TRÊS PERSONAGENS

(NO CENTENÁRIO DE DOM MANUEL DA SILVA GOMES, MONSENHOR ANTÔNIO TABOSA BRAGA E PE. GUILHERME VAESSEN)

DOM EXPEDITO EDUARDO DE OLIVEIRA

O porte do gigante nem sempre se mede pelo tamanho do antagonista. Se assim fora, Davi não teria vencido o hercúleo Golias. Mas, dirão: não sendo o tamanho documento, então é na dextreza das armas, no manejo sábio e prático do instrumento, que se revela o valor do artista. Para falar de três Personagens que encheram a história Eclesiástica do Ceará seria preciso um gigante das letras, um conhecedor profundo de fatos importantes, quando menos, um Davi, hábil manejador de fundas que acertassem no mérito, no alvo daquilo que merecesse, à falta de mais tempo e de mais paciência, o ressalte indispensável para conhecimento, ao menos, do essencial que pusesse, à mostra, diante deste emérito auditório e destes ilustres mestres, o que representaram para o Ceará — Dom Manuel da Silva Gomes, Mons. Antônio Tabosa Braga e Padre Guilherme Waessen.

É que a este pequeno Davi não cabe nem o manusear de um estilingue que encontrasse o objetivo merecido. Mas, como à Comissão falhou o acerto da escolha, valho-me desse percalço comum a mim e a ela para ousar dizer o que foram esses insignes vultos do Clero Cearense. Penetro, assim, nos humbrais desta sala, representativa do Instituto Histórico do Ceará, cavaleiro armado apenas da amizade, da gratidão e da boa vontade. Perdoem-me, ainda, tantos valores que possui o clero cearense, sobretudo, a palavra sempre sábia e erudita de um Misael Gomes e a pena cintilante e cheia de maestria de um Azarias Sobreira.

Surge a dificuldade natural para começar. A tarefa é complexa, dadas as diferentes facetas que o assunto comporta e os pontos de convergência em que se encontram os três ilustres homens do clero e do episcopado. Talvez a maneira de ser, de falar e de agir de cada um de nós seja propícia para a escolha. Que nos ajudem a tanto os diferentes órgãos que costumam ser a expressão do homem, em sua vida: o Olhar — a Palavra e o Coração! Todos eles transformados em zelo pela salvação dos homens.

Se fixo o Olhar, vejo um Tabosa ardente em ânsias de convencer e de converter, chispando chamas que incendeiam auditórios, a ponto de provocar confissões como esta: "Este homem abriu um rombo nas minhas convicções religiosas!"

Se ouço a Palavra, parece-me sentir a fôrça do Verbo, traduzindo convicções serenas, expondo a doutrina e trovejando verdades capazes de arrancarem esta exclamação: "Sinto-me incomodado, no meu viver, e tremo, ao ouvir o Pe. Guilherme!" Se quero o Olhar, a palavra, de permeio com o coração e o sentimento que comove e faz chorar, estou diante de um D. Manuel — a palavra e o olhar feitos coração!

Chamei-os todos brasileiros e dir-me-eis que um deles não nasceu no Brasil. Ser brasileiro não é só nascer, é também fazer-se. E a vida de Guilherme Waessen foi a de um brasileiro que soube fazer-se, na medida plena de que fala o Evangelho e na dedicação onímoda de quem não se poupa ao serviço do Senhor de todos os homens. Mas íamos falar, em primeiro lugar, de Mons. Antônio Tabosa Braga.

O homem que dava a impressão de jamais haver abandonado os entusiasmos de criança ou de jovem. Seminarista ainda, costumava eu frequentar a Matriz do Carmo, onde o seu zêlo pastoral se fez sentir, de maneira admirável. Vindo já de outras searas (Sta. Quitéria e Pacoti), parecia trair, no cabedal rico de virtudes e de experiência que possuia, a marca do homem talhado para coisas ainda maiores, em que lhe pesasse o fraco conceito que nutria de si mesmo: "Sr. Arcebispo (dizia ele, em carta, a D. Manuel), pelo amor de Deus, deixe-me terminar meus dias aqui mesmo, entre meus pobres serranos. De tanto viver entre gente iletrada, sinto-me tão matuto e bôbo que a simples idéia de tomar o trem me dá calafrios. Só entendo mesmo de catequese, de crianças e de confissões de moribundo."

Não o prendia uma faceta apenas do apostolado. Cria-se, com razão, o homem da Igreja. E, já abandonado o complexò de cidade, tornou-se no homem de Imprensa, no apologeta infatigável e fórte, chegando a desejar que, na falta de paramentos, se lhe talhasse a mortalha de jornais católicos. Pacificador de lides políticas que se abatiam sôbre os seus, mais de uma vez, teve que ir à terra natal para evitar catástrofes, tal o arrebatamento de ânimos da política de então.

Arguto observador dos fatos, incansável paladino da verdade católica, foi o alvo de intenso assédio que os adversários daquele tempo faziam à Igreja, no Ceará.

Não nasceu padre; fez-se padre. Não nasceu manso; tornou-se em tal, graças à guerra feita ao temperamento, conforme confessa, singelamente, a Mons. Quinderé, um dia: "Este padre Tabosa me dá muito trabalho." Tal temperamento valeu-lhe a transferência para o Seminário da Paraíba, onde o esperava firme a decisão de

mudar. Os percalços experimentados iam, desde os simples flagrantes comuns a desobrigas paroquiais, em que o padre tem que enfrentar a simplicidade ingênua e bárbara de muitos dos nossos amados sertanejos, até o apoio que não lhe negaram adversários pouco leais, embora desmerecendo suas próprias pessoas. Da Imprensa católica foi o cavaleiro andante jamais esmorecido, chegando a convencer a todos que o ouviam da imprescindível necessidade de assinar o jornal católico. Desprendido de si, olhava mais os outros. Ao morrer, podia deixar como testamento não ouro ou prata, mas aquelas palavras de S. Paulo: "combati, o bom combate e guardei a fé", resta-me a coroa, o prêmio devido à fidelidade. Ou o lema desta última santa canonizada por Paulo VI: "a mim, o trabalho; ao próximo o bem-estar; a glória para Deus".

Num dos apartamentos singelos da Casa do Clero (hoje residência dos padres Sacramentinos) comeu o pão do sofrimento até que fosse transferido para a Casa de Saúde S. Lucas, onde era velado pela sombra amiga da irmã e de outros cireneus, lutando contra a doença prolongada, os arremeços da traiçoeira impaciência, edificando os outros e edificando-se com a paciência dos pobres que o queriam ver e cuja cruz sempre ele achava ser maior do que a sua.

A humildade autêntica não o fazia recusar as honras da Igreja, as quais muito apreciava. A alguém que lhe glosava os frisos da batina de Protonotário Apostólico, retrucou, simplesmente: "prezo muito as honrarias da Sta. Igreja." A outrem que intitulava o casamento de casório e a missa de missinha, respondeu: "eu celebro o Santo Sacrifício da Missa e presido ao sacramento do matrimônio". Se as palavras não fossem bastante para entender, o olhar complementava a significação dos dizeres.

Tal homem, tal gigante precisava mesmo de outro intérprete.

Não pensava em ganhar o céu como os mártires. Gostaria de fazê-lo, lutando, mesmo em trincheiras, se necessário, contanto que o bem da Igreja e o dos fiéis não o encontrasse por detrás de uma porta de segurança ou no disfarce de quem esconde a verdadeira identidade. Triunfalismo, dirão alguns; maneira incômoda de se viver o cristianismo, talvez alheia a certas mentes de hoje. Seria um digno êmulo dos cruzados de antanho. As lágrimas que lhe acompanharam o enterro, um dos mais concorridos da cidade de Fortaleza, não eram sòmente a prova da amizade e da saudade, mas o autêntico sinal da angústia que invadia a todos, na pergunta muito natural e preocupante: quem substituirá este homem?!

Na lousa sepulcral não teríamos outro elogio senão aquele título que encimava um pronunciamento do Padre Helder Câmara

(seu auxiliar na propagação do O NORDESTE), o qual eu arranjaria assim: "Morreu de esbanjamento santo".

O amor à juventude lhe era prenda querida da alma de escól. Escolas, colégios, Instituições como a UMC e iniciativas outras eram prova irrefutável desse cuidado, desse zelo ardente que parecia prever, com longa antecedência, as situações que se criariam, ao depois, mórmente nesta fase agitada e ingrata que o mundo enfrenta. Não lhe seria avesso ir ao encontro dos percalços que todos enfrentam, hoje, nas mudanças tão sensíveis ao tempo e às tradições. Teria, certamente, no acêrvo de indústria que o seu zêlo sabia encontrar, algo que se coadunasse com as exigências da mocidade hodierna.

A Azarias Sobreira confidenciou uma espécie de remorso que lhe dóia. no íntimo, quer por ter sido (a seu ver) exagerado no desprendimento que poderia causar prejuízo a outros sacerdotes, quer no distanciamento do outro sexo, em que encontrou valôres preciosos para a ajuda na catequese e outros trabalhos. Quem assim se revela traz, na alma, a marca do zêlo autêntico, para todas as gerações.

O seu patriotismo não andava longe do amor à Religião. Um fato apenas confirme o que dizemos. Havia-se inaugurado, no Seminário da Prainha, um orfeão em que os alunos do maior (curso de Teologia) se exercitavam na preparação de hinos para as festas. Estavamos a ensaiar o hino nacional, com acompanhamento de quatro vozes. Tabosa achava-se num quarto próximo, a curtir terrível dor de cabeça. Ao ouvir os primeiros acórdes, levantou-se, toalha envolvendo a cabeça, arrastando-se pelas paredes até o local do ensaio. "Vim até aqui, atraído pela beleza desta sinfonia, "disse ele. Alguém logo lhe oferece uma cadeira. Recusa, dizendo: "o hino nacional eu ouço, de pé".

Aqui ficaria, quase desencorajado de avançar, não fora outro parceiro muito seu e apóstolo, ao seu modo, na dedicação e que recebe com ele esta homenagem, o Pe. Waessen, numa carta a Azarias da qual escolho uns tópicos. É um santo elogiando outro santo: "Nos meus tempos de diretor das Missões e reitor do Seminário da Prainha, tive várias oportunidades de conhecer, de perto, Mons. Tabosa, e conto isto como uma verdadeira felicidade. Não conheci, em parte nenhuma, padre mais zeloso, mais abnegado, mais amigo de seus colegas, nem mais pronto a defendê-los, com todo o ardor. E que dizer de seu amor aos pobres e doentes Todò mundo sabe que ele foi a alma do Leprosário Antônio Diogo. Parece que seu pensamento dominante era: tudo pelas almas e pelos pobres... É bem conhecido que tinha um gênio ardente, que, desde

muito novo, havia-se acostumado a dominar, mas que, de tempos em tempos, ainda faiscava... Aqui, entre parêntesis, acho tão bom que também os santos tenham algum traço de semelhança conosco, em nossas fraquezas, e por essa forma nos animem a lutar, com mais coragem, contra a nossa miserável natureza.... Um dia o encontrei com fisionomia radiante de prazer — Padre Tabosa, donde lhe vem esse ar extraordinário de satisfação? — É porque fiz hoje o meu testamento. — Lembrou-se de mim, — Não, desta vez, só pensei em minha pessoa, isto é, em poder morrer em paz. Eu estava devendo uns quatro contos de réis e dois bons amigos se ofereceram para resgatar tudo. Para mim é o mesmo que ter feito o meu testamento. Só devo agora minha alma a Deus! Sua ambição maior era morrer sem os Ds: dívidas, dinheiro e delito. E conseguiu perfeitamente o que ambicionava. A carta termina, com esta afirmação: "Sou de opinião que Mons. Tabosa foi, realmente, o que se chama um padre santo".

Não lhe faltou aquela coragem que nem todo homem tem de reconhecer e confessar os próprios defeitos. Quem, porventura, os lançasse em rosto, alguma vez, ficaria sabendo que Tabosa fora o primeiro a apontá-los. Isso, ao invés de diminuir um homem, o engrandece, diante de Deus e dos homens.

Um centenário não pode significar apenas uma data obrigatória de se comemorar. Deve ter outra razão de ser. E os homenageados desta noite (todos eles) oferecem vasta matéria a explorar, em apoio a esta referência. Quem exalta a virtude de Mons. Tabosa não é o orador que vos fala. É o prestígio da santidade espalhada por ele e reconhecida mesmo por quem não nutrisse sentimentos de amizade pessoal ou íntima. É o caso daquele homem que, não lhe sendo chegado, mas quase desafeto, insinuado por certo jornalista a confirmar uma suspeita engendrada contra a sua honorabilidade de padre, saiu-se com esta resposta: para ser isto verdade, era preciso que o mundo tivesse virado de pernas para o ar".

Que pena! Se olhais o relógio, o tempo é ingrato; se observais o orador, o valor não ajuda. Quem perde é o hòmenageadò e maior culpa é a da coincidência de três centenários convergentes.

A tarefa é puxada e exige fôlego. Era o que ia faltando ao vosso delegado. O Evangelho nos reanima: "ao pegar no arado, nãò se olha para trás." Prossigamos.

Padre Guilherme Waessen. Duas palavras o definiriam: Vicente de Paulo redivivo ou humildade e zelo. A primeira até lhe inclinou, um pouco, a cabeça; o segundo o fez esquecer-se de que era holandês. Suas facetas mais ressaltantes: amor a Deus e ao próximo, espírito missionário, desprendimento de si mesmo. Mons.

Tabosa poderia, talvez, devolver-lhe, sem juros, o que disse dele, na citada carta ao Padre Azarias, o Padre Waessen.

Amplo foi o seu campo de ação: o norte e o sul dò País. Pena que faltassem os gravadores tão abundantes, nos nossos dias, para perenizarem a palavra inspirada do pregador que foi, do homem que trovejava ameaças, mas sabia temperá-las pela confiança em Deus que incutia nos ouvintes. Aquele sujeito que se sentia incomodado, ao ouví-lo, perdeu o ensejo de experimentar-lhe, na còn-fissão, a confiança repassada de um odor de suavidade que dava a impressão de que a gente não mais iria pecar.

Duas classes de pessoas lhe causavam grande pena, na vida: os maus ricos e as decaídas da sociedade. Como tenho pena do rico, exclamava ele. Se pudesse, escreveria um livro sobre a miséria dos abastados! Era como o eco do Evangelho, advertindo òs aferradòs aos bens deste mundo sobre o perigo que encerram as riquezas mal adquiridas e mal empregadas. E para a segunda categoria de infelizes guardou o melhor da sua compaixão, sendo o inspiradòr da "Casa da Mãe Solteira" e chegou ao ponto de promover uma missão no antigo "Arraial Moura Brasil", onde se consumiam as cinzas tangidas de tantas casas de família, para acabarem de ser levadas pelo vento da aventura dos que só sabem explorar a miséria alheia. Embandeiraram ruas, reuniram-se e foram esperar o missionário, como se fossem para uma festa. E ali caiu, sem constrangimento do oradòr, pela primeira vez, o Verbo que é semente e que, com certeza, medrou em algum daqueles corações, vítimas do egoismo humano. Talvez lhe tenha sido inspirado o gesto na resposta de uma decaída, na Sta. Casa de Misericórdia, ao ser advertida contra as penas eternas: "Não, seu padre, não me condenarei, confio na Vírgem Maria. E exibiu do bolso da saia surrada não a vil moeda que se confunde com a própria deshonra, mas um terço que sempre conservou consigo. Baste-nos tal referência para comprovar ò amòr do próximo que empolgava a pessoa do Padre G. Waessen.

Seu Quartel-general era a Casa das Missões, hoje, hospital Mira Y López. Dali, partiram ardentes missionários, sob o comando do grande chefe que ia à frente deles, organizar, pregar a palavra de Deus, confessar e fazer o mais que era necessário ao êxito das missões. Procedia como Jesus: ensinava, fazendo. Um dia, regressara de longa e trabalhosa missão. Encontrei-o deitado, como chegara. É que, no quarto por ele ocupado, o esperava o irmão sonò como que a dizer, despeitado: "não te pude apanhar, na Missão; agora, te surpreendo nesta cama. Aí, dormiu prolongado repouso.

Tendo-se fixado em Minas Gerais, de lá, retirou-se para Sal-

vador, onde o aguardava a amizade honrosa e fraterna de D. Augusto, o Arcebispo de então. Desse tempo é que data singular episódio que demonstra o grau de abnegação e apreço que caracterizava os dois amigos. Convidado Dom Augusto para um almoço íntimo, encarregara o Pe. Waessen o preparo do repasto às Filhas da Caridade. Ao chegar o portador à cozinha da casa, entornou o caixote que continha a marmita, derramando-se a comida no mesmo. Tendo o Pe. Guilherme demonstrado grande aflição pelo ocorrido, o augusto convidado resolveu, imediatamente, o problema, propòndo que, à guisa de imitação de S. Francisco que, certa vez, comera em uma gamela, se fizesse o mesmo, naquela ocasião, transformando em tal o suporte da marmita. E assim aconteceu.

Outro fato ilustra os laços fraternos que uniam os dois homens de Deus. O Arcebispo, dando largas ao seu espírito gracejador, tapou os olhos, por detrás, não deixando aò Padre Guilherme sequer suspeitar quem o fazia. Intrigado com a brincadeira desusada para ele, quase acertou um maço de jornais em pleno rosto do gracejador. Este lhe pagou bem a confiança que lhe oferecia o Pe. Waessen, prefaciando-lhe, às ocultas, na própria tipografia impressora, um livro de espiritualidade destinado a sacerdotes.

Reitor do Seminário Arquidiocesano, talvez não lhe fosse agradável ficar confinado, entre quatro paredes, vigiando e atendendo a rapazes e transmitindo ordens ou presidindo reuniões da Congregação de professores. Melhor lhe fora receber ordens, não propriamente de seus superiores maiores que jamais decepcionou, mas partidas das necessidades espirituais dos fiéis e, sobretudo, do ardente amor que lhe ocupava, fibra por fibra, o coração de missionário. Mas ficou marcado pelo epíteto de O PADRE REITOR. Aí, também, era o interesse geral que o guiava. Já lhe perdoei, há muito, a recusa para assistir a certa comemoração de família, pois, no seu dizer, era "melhor ficar no Seminário e rezar".

O apreço ao sacerdócio era grande, nele. Em que pesasse à sua humildade reconhecida, desejou o Episcopado, não para auferir honras e privilégios, mas para "possuir o sacerdócio, em plenitude e morrer." Para ele não se fez aposentadoria. Deixadas as atividades de reitor e de chefe das Missões, dedicou-se, por completo, ao serviço dos doentes, na Santa Casa, com tôda a generosidade do seu coração de padre. Nos corredores e nas enfermarias do tradicional casarão, ainda parecem ecoar os passos desse homem de Deus, esquecido de si e todo dado, inteiramente aos outros. Instalou um serviço de alto-falantes para que pudesse levar a todos os doentes as mensagens de fé e confôrto espiritual.

Seria numa de suas andanças para socorrer as privilegiadas

do seu zelo pastoral que a Irmã Morte lhe reservaria a tocaia, não podendo voltar para o seu posto, porque um tombò inesperadò lhe fizera fraturar uma das pernas. Voltou nas asas da caridade de outros, ele que tanto voara para atender ao próximo. Poucos dias após o lamentável acontecimento, vinha a visita definitiva daquela que a ninguém poupa e a todos iguala, na vala comum. Falecia nonagenário, de armas nas mãos, como se levasse um trofeu tantas vezes ganho, nas batalhas do apostolado. Dele já disse alguém que, por ter saúde de ferro, só morreria a cacetadas.

Da velha geração de sacerdotes lazaristas e dos companheiros de Seminário da Prainha, restava o incomparável Pe. Zingerlé, mastigando saudades e aguardando, também enfermo, a sua hora que veio, não muito depois. Não seria justo separar o que Deus uniu. Juntando ao parentesco do sangue a fraternidade da vida religiosa, associara-se aos seus trabalhos o inesquecível Pe. João Waessen que o precedeu, na eternidade, e que deixara um vazio enorme em sua vida. Aos que julgassem o Pe. Guilherme homem de pouco coração ou pequena humanidade, desmentiriam aquelas lágrimas que brotaram, como um rio, de seus olhos, diante do esquife mortuário do Pe. Joãozinho. A cena, por não ser tão comum, prova o grau da estima que nutria pelo irmão.

O ócio não era jamais familiar. Se o tempo lhe sobrava, empregava-o na confecção de livros dedicados à vida dos Santos e à vida religiosa. Caía mais um cedro do Líbano açoitado pela inclemência do tempo e da idade. Ao invés de deplorar o herói que tombou, dava-nos vontade de, antecipando-nos ao juízò da Santa Igreja, cantar, na cadência solene do gregoriano, aquelas palavras do intróito das missas festivas: "Gaudeamus omnes in Domino, diem festum celebrantes"...

O fôlego do pretenso intérprete já vinha a meio, quando entrou a comentar os feitos do segundo homenageadò. E agóra?

Surge nas sombras do passado e da saudade outro vulto, desta vez, um tanto diferente porque portador de uma Mitra, responsável por uma Diocese, batalhador impertérrito de tôdas as causas nobres e generoso sacrificador da própria vida, em pról do rebanho a ele confiado. Bem poderia traçar-vos o itinerário de tudo ò que ele fez, dando-vos enderêços e títulos que bastaria verificar e teria cumprido a minha missão de falar dele. Mas forçoso é continuar; ajudai-me, com a vossa paciencia e mais ainda, com a vossa benevolência.

Que o grande Bossuet me empreste aquelas palavras pronunciadas, quando da oração fúnebre do príncipe de Condé: "Vinde, já! Antes, porém, vinde principes e senhores, juízes da terra e vós

que abris aos homens as portas do céu." Como a águia de Meaux, vos direi: Vinde, cearenses! Mas, antes, vinde, Príncipes da Igreja, honrar, com a vossa dignidade a memória do irmão que soube dignificar o episcopado! Vinde, sacerdotes do Senhor, reverenciar, còm o sentimento da mais viva gratidão e apreço, o Pastor cujas mãos sagradas pousaram, cheias de unção, nas vossas cabeças de escolhidos do Senhor! Vinde, magistrados, apreciar, diante da autoridade de um Homem de Deus, a arte de governar, em nome da justiça! Vinde, leigos que formais o exército mobilizado de Cristo Rei, còntemplar, cheios de respeito e veneração a Pessoa do chefe que, por trinta longos anos, empunhou o cetro da caridade! Mas, vinde, sobretudo, pequeninos e órfãos, viúvas e pobres, depositar, num gesto simbólico de amizade e agradecimento, as lágrimas do reconhecimento profundo, diante daquele que derramou, a mãos plenas, os benefícios da caridade cristã! Vinde, todos, até os que não partilhais da fé comum à família cearense, render o preito de exaltação à Memória de Dom Manuel da Silva Gomes!

Deus dirige os destinos das gentes. A Providência divina súscita, na medida dos tempos e das necessidades, aqueles que, em seu nome, deverão reger, temporariamente, a grei escolhida. Assim, em 1912, por renúncia de D. Joaquim José Vieira, assentava-se no trono episcopal de Fortaleza D. Manuel da Silva Gomes. Trazia por lema: a glória de Deus pela salvação dos homens. Bem-aventurados os pés dos que evangelizam a paz, evangelizam o bem! Uma das facetas que, para logo, despertava a admiração dos que lhe acompanhavam os passos era a sua verve de doutrinador. Nisso D. Manuel era quase inexcedível. Dava largas à eloquência que, nele, não era o desejo calculado do louvor, mas a exuberância de quem, possuindo, profundamente, a verdade, não sentia dificuldade em transmití-la, pela palavra fácil e persuasiva. De tal modo se deixava arrebatar, que parecia encarnar o que dizia. Falando dos santos, identificava-se, facilmente, com eles. Às vezes, ficavamos a pensar se era um santo que pregava ou o Bispo que falava de outro santo.

Seria preciso comprovar a sua bondade para com o próximo?! A sua virtude profunda, o seu zêlo?! Não falam bastante os labores apostólicos, as iniciativas de ordem espiritual e social, os sacrifícios que se impunha, a serenidade de justo a emoldurar-lhe o rosto, no seu leito de dor, por 6 anos consecutivos? As vigílias eucarísticas, a unção edificante no Sto. Sacrifício da Missa, a convicção com que falava da sua pouca valia, a resignação do governo da Arquidiocese, a solidão que o acompanhou na VIMINACIO (seu título depois de resignatário) da rua do Imperador e a penúria do seu

testamento?! Mons. Otávio de Castro, de saudosa memória, resume, admiravelmente, o purgatório de D. Manuel, nestas incisivas palavras pronunciadas por ocasião do jubileu de ouro sacerdòtal: "Sem ouro nem prata, sem mais auditório para suas pregações doutrinais, não tendo um campo aberto, onde pudesse multiplicar as obras de zêlo, em favor dos pobres, continuava a distribuir a esmola da oração, o ensinamento da resignação cristã, em sua pobreza aceita com humildade e, sobretudo, o exemplo edificante para o Clero ceorense que ele não cessava de amar".

Nenhuma classe lhe ficou alheia e tratou do bem de todas: a infância, a juventude, todas as idades que caracterizam os homens, na sociedade. Enumerar as obras promovidas, em atendimento, a elas, seria um jamais acabar. Plantou para seus sucessores verdadeira sementeira de frutos a colher. Responderão presente à chamada para formar em fileira: as dioceses de Crato, Sobral e Limoeiro do Norte; o jornal O NORDESTE, a UMC, a OVS, a Escola Apostólica de Baturité, a Casa de retiros CRISTO REI, o Carmelo Sta. Teresinha, o Convento de N.S. das Dores, a Obra da Adoração Perpétuo, Salesianas, Irmãs Dorotéias, Salvatorianos, Convento da Porciuncula, Irmãs Missonárias de Jesus Crucificado, Obra da Pobreza Envergonhada, Bom Pastor, Colégio Cearense (com a coadjuvação dos Padres Misael, Climério, Otávio e Quinderé), Patronato N.S. Auxiliadora, Obra da Adòração Perpétua... Paremos aqui, embora com o risco de esquecer alguma benfeitoria.

Seria supérfluo, num homem do porte do homenageado, ressaltar o seu carinho para com o problema sacerdotal. Amava o Cristo e amava seus arautos, na terra. Sofria, imensamente, se não lhes podia fazer o bem ou solucionar casos perigosòs. Era seu maior contentamento impor as mãos aos jovens levitas do Santuário. Sem o querer, traiu-se, quando de volta de uma visita pastoral, no interior da Arquidiocese. Era na época de terríveis ataques ao clero e à sua pessoa. Falando, por ocasião de uma manifestação de desagravo, chegou a dizer: nunca me senti tão arcebispo do Ceará como nesta hora que me proporcionais! Nem mesmo quando imponho as mãos sobre os levitas de Deus! Se vale a prova, pelo contraste, aí está retratado o seu amor aos padres!

Um almirante holandês achou que a única sepultura digna de um batavo era o oceano. Igualmente, não podia descer à vala comum o homem que tanto engrandeceu a Religião, a Pátria e o Ceará. Por isso, repousa na cripta da Catedral que ele sonhou inaugurar, tendo padecido muito da crítica por permitir (com a

Comissão de construção) se pusesse abaixo a velha Sé de Fortaleza.

Pudemos acompanhar o processo de modificação que se verificou no temperamento ardente e, às vezes, quase impulsivo do homenageado. A pacencia lhe foi tomando o caráter forte até que completou a obra da santificação do homem. E era de edificar D. Manuel no leito de dor. Ao se aproximar dele o Arrebispo D. Antônio Lustosa, assistimos a uma verdadeira luta entre os dois, cada qual insistindo por ser abençoado pelo outro!

14 de março de 1950 marca uma das mais felizes coincidencias da História do Ceará: aniversário natalício, e de passamento de Dom Manuel! Como a dizer: duplo nascimento, para a terra e para a eternidade!

Ouço um clamor insistente, uma voz que pede licença para falar. É a voz dos flagelados que a sua caridade socorreu. O bispo tornou-se em mendigo da necessidade pública, em esmoler-mor dos pobres atingidos pelo flagelo da seca! Um pobre reclamava, perto do seu esquife: diante de D. Manuel, todo mundo sente vontade de ajoelhar-se! Outro, em lágrimas: não tenho pena dele, mas da falta que a sua caridade vai fazer!

As agulhas da Catedral apontarão, um dia, para o alto, mostrando a Nova Pátria do grande extinto. Antes, porém, a nossa gratidão, a nossa amizade imorredoura, a nossa qualidade de ungidos por suas mãos pedem permissão para passarmos e dizer, em nome de uma turma de nove sacerdotes: não esperamos que as agulhas se armem para o alto. Já, de há muito, nossas preces sobem aos céus, embora na dúvida se por ele ou a ele devamos rogar!

Diante disto e depois disto, é preciso concluir. Não o faremos, sem um apêlo à vossa sensibilidade de cearenses e de cristãos. Mais do que todo o esfôrço para organizar estas comemorações, mais do que a vossa boa vontade em virdes aqui, mais do que o gesto nobre e digno em homenagear esses vultos insignes do clero e do episcopado, brilhe, em vossos rostos e em vóssos olhos, partindo do íntimo, dos refolhos da alma agradecida, o desejo vivo de jamais deixarmos em vão tantos ensinamentos eloquentes, tantas lições marcadas pelo sacrifício e pela dedicação!

Temos o dever de mostrar à juventude de hoje, à geração de agora que o passado não é somente sombras! Projeta luz, à medida em que descobrimos valores autênticos, nos que se foram. Na moldura dos sonhos que hoje se acalentam, de uma Igreja bem viva, bem de Cristo, bem de Deus, enquadram-se, perfeitamente, os retratos preciosos e queridos de Dom Manuel da Silva Gomes, de Mons. Antônio Tabosa Braga, e do Padre Guilherme Waessen!